

Maturidade Feminina: discursos impressos e estigmas em Belém do Pará (1920-1930)¹*Madurez Femenina: discursos impresos y estigmas em Belém do Pará (1920-1930)**Female Maturity: printed speech and stigmas in Belém do Pará (1920-1930)***Breno dos Santos Santana**

Resumo: Os discursos impressos que circulavam na capital paraense durante as décadas de 1920 e 1930, inúmeras vezes, falavam do dilema do envelhecimento. Quando no centro dos debates se colocavam as mulheres, as “penalizações” afligiam principalmente aquelas que ultrapassavam a terceira década de vida: era dito que se tornavam “feias” e “indesejáveis”. Destarte, a partir da análise de textos veiculados pela imprensa paraense do período em questão, esta pesquisa investigou representações da maturidade feminina construídas pelos discursos noticiosos e literários presentes em revistas ilustradas como “A Semana” e “Pará-Médico” – utilizadas como documentação primária nas análises percorridas. Diante do exposto, concluiu-se que, apesar dos descréditos, as mulheres não se rendiam às ideias de vida madura propostas, pois seguiam em direções opostas ao esperado.

Palavras-Chave: Jovialidade. Envelhecimento. Maturidade. Gênero. Belém do Pará.

Resumen: Los discursos impresos que circulaban en la capital paraense durante las décadas de 1920 y 1930, muchas veces, opinaban del dilema del envejecimiento. Cuando se colocaban las mujeres en el centro de la discusión, las “penalizaciones” afligían sobre todo las que sobrepasaban los treinta años: se decía que ellas iban tornasen “feas” y “indeseables”. Así, con la análisis de los textos publicados por la prensa paraense del período, esta investigación analizó las representaciones de madurez femenina construidas en los discursos de las noticias y literarios de las revistas ilustradas como “A Semana” y “Pará-Médico” - usadas como fuente documental principal de las análisis. Así, se ha concluido que, las mujeres no se rindieron a las ideas de madurez propuestas, siguiendo direcciones opuestas que lo esperado.

Palabras Claves: Jovialidad. Envejecimiento. Madurez. Género. Belém do Pará.

Abstract: The printed speeches that circulated in the capital of Pará during the 1920s and 1930s, countless times, spoke of the dilemma of aging. When women were placed at the center of the debates, the “penalties” mainly afflicted those who exceeded their third decade of life: they were said to become “ugly” and “undesirable”. Thus, based on the analysis of texts published by the Pará press during the period in question, this research analyzed representations of female maturity constructed by news and literary discourses present in illustrated magazines such as “A Semana” and “Pará-Médico” – used as primary documentation in the analyzes carried out. Given the above, it was concluded that, despite the disbelief, women did not surrender to the ideas of mature life proposed, as they followed in directions opposite to what was expected.

Keywords: Joviality. Aging. Maturity. Gender. Belém do Pará.

¹ Essa pesquisa contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através da concessão de bolsa de doutorado por intermédio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Breno dos Santos Santana – Graduado em História pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), mestre em História Social da Amazônia no Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (PPHIST) da Universidade Federal do Pará (UFPA), doutorando em História Social da Amazônia pelo mesmo programa e pela mesma instituição.

E-mail: breno1898@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este texto é fruto da pesquisa de doutorado (em andamento) em História Social da Amazônia (PPHIST/UFPA) intitulada “Envelhecimento: Corpo, Saúde, Sexualidade e Gênero (Belém-PA, 1920-1930)”, a qual analisa questões relacionadas às representações sociais do envelhecimento corporal humano na capital paraense do período histórico delimitado. A metodologia empreendida nessa investigação foi o cruzamento das informações contidas nas fontes históricas encontradas; nelas, foram analisadas as recorrências e as divergências de discursos relacionados à saúde, à sexualidade, ao corpo e ao envelhecimento, tudo para tentar montar os quadros possíveis acerca das imagens construídas pelos sujeitos naquele contexto histórico. A documentação foi colhida de duas revistas ilustradas que circularam na capital paraense na primeira metade do século XX, sendo elas “A Semana” (1918-1942)² e “Pará-Médico” (1915-1939)³. Os exemplares analisados estão disponíveis para consulta pública no acervo de Obras Raras da Fundação Cultural do Estado do Pará (CENTUR).

Durante o levantamento de dados, surgiram elementos discursivos a respeito das inúmeras imagens projetadas pelos intelectuais belenenses a respeito do corpo feminino na dita “maturidade” – período que começaria a partir dos trinta anos. Nesse conjunto, os corpos, diante do processo aparente de envelhecimento, eram constantemente alvos da imposição de simbologias e de regras, muitas delas relacionadas à interdição do desejo sexual e amoroso; assim como ao distanciamento da vida pública.

Nesse conjunto, o corpo, entendido como principal ponto de identificação de uma pessoa “velha” e outra “jovem”, foi constantemente acionado como instrumento de legitimação dos desejos românticos e sexuais. Em escritos divulgados nas revistas ilustradas (principais meios de entretenimento e comunicação da época), eram recorrentes os testemunhos da propensão feminina aos olhares masculinos, e qualquer sinal de desgaste corporal relacionado ao tempo viria atribuir visões vexatórias às moças. Nesse preâmbulo, para uma mulher, possuir cabelos brancos, perder a vivacidade no olhar ou o “frescor juvenil”, tudo isso significava o malogro da ausência do comportamento sexual, porque era dito que nenhum homem viria a se interessar por tais características corpóreas maduras. Através desses segmentos, elas eram alvos de constantes julgamentos caso se apresentassem de maneira “não aconselhada” na maturidade.

No entanto, as simbologias do rechaço em torno da “idade feminina avançada” jamais foram capazes de criar aprisionamentos eficientes para as mulheres, uma vez que muitas delas se distanciavam daquilo que os estigmas propunham, aspectos esses visualizados de maneira indireta nas fontes analisadas. Em conformidade, as representações coletivas em torno da maturidade e, conseqüentemente, do processo de envelhecimento, pareciam estar em constantes disputas, como parte de elementos intrínsecos aos modos de subjetivação, da construção de personalidades e dos comportamentos dos belenenses na primeira metade do século XX.

Para o melhor entendimento desses fenômenos, foi imprescindível recorrer a leituras referentes ao modo como aquela sociedade pensava as relações de gênero, o envelhecimento e as suas características sociais. Para tal, o trabalho da historiadora Cristina Donza Cancela (1997), acerca do cotidiano amoroso das meninas de camadas populares em Belém, foi importante na visualização de determinados padrões de pensamento a respeito da prática sexual e da imagem

² 333 exemplares analisados durante a pesquisa de mestrado.

³ 7 exemplares analisados durante a pesquisa de mestrado.

corporal; assim como as elucidações de Ipojucan Dias Campos (2011-2014) condizentes ao matrimônio e aos conflitos existentes dentro dessa esfera conseguiram elucidar importantes ideais a respeito de como aqueles sujeitos belenenses pensavam suas vidas, a passagem do tempo e as relações amorosas.

De maneira semelhante, as bases teóricas focadas na “sexualidade” auxiliaram no exame dos dados coletados. Em razão disso, a perspectiva de Simone de Beauvoir (1970) quanto ao silenciamento do desejo sexual feminino contribuiu para a elaboração de elementos explicativos acerca das projeções masculinas encontradas nas fontes históricas analisadas. Nesse ínterim, a compreensão dos discursos sobre a sexualidade na história ocidental foi necessária, e tudo também esteve ligado às elucidações de Michel Foucault (1999). Para o autor, a sexualidade foi colocada cada vez mais em debate a partir do período moderno, momento em que os Estados passaram a tentar intervir no comportamento sexual da população, fosse para o controle da natalidade, fosse para a “cura” de determinadas “perversões”. Nesse sentido, o entendimento foucaultiano dos dispositivos discursivos concentrados na prática sexual foi importante para elucidar as expectativas do comportamento sexual diante do envelhecimento, tais arranjos foram inúmeras vezes encontrados nos documentos históricos utilizados neste artigo.

Para além desses recursos, as fundamentações de Roger Chartier (1991) acerca da categoria “representação” foram decisivas para entender como operavam os discursos dos intelectuais belenenses no conjunto de estigmas lançados às mulheres. Segundo o autor, num trabalho de pesquisa detido em tais interlocuções, deve-se classificar e a recortar as configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade foi contraditoriamente construída pelos diversos grupos sociais; em seguida, visualizar as práticas que reconhecem uma identidade social, exibindo uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição (CHARTIER, 1991). Todas essas interlocuções auxiliaram na forma como os dados foram equacionados e analisados; no entanto, não se trata de um “trabalho guiado por teorias dominantes”, pois as conclusões levadas a efeito nessa pesquisa foram traçadas, em grande parte, pelas indicações dadas pelas fontes históricas, as quais ganharam protagonismo na historicização daquele universo.

Diante do assinalado, a categoria “corpo”, para além de um elemento descritivo, aparece enquanto objeto a ser historicizado durante as abordagens feitas neste trabalho. Tal domínio surgiu aos olhos do pesquisador enquanto um “espaço sintetizador” para se compreender ideias e expectativas acerca da maturidade feminina naquele contexto. Dito de outra forma, os corpos das mulheres eram alvos de julgamentos sem economia de palavras pelos “intelectuais” da época em questão, o que deixava claro os seus próprios dilemas, os seus conflitos e os seus anseios diante do envelhecimento. Inobstante, quando aqui se fala de “corpo”, trata-se da materialidade corpórea e dos seus significados construídos tanto pelos sujeitos que escreviam para as revistas ilustradas, quanto por aqueles que eram alvos dos discursos (as mulheres ditas maduras). Frente a esses aspectos, o “corpo” se tornava a instância biológica que dava acesso às vivências proporcionadoras de felicidade, e o desgaste físico ocasionado pelo tempo era visto de maneira nada aprazível, em razão de impedir a continuidade dos prazeres da “juventude” – tida como uma qualidade universal a ser exaltada. Tais conflitos serão dissecados mais atentamente nos parágrafos que seguem.

1. Conjunto de Estigmas sobre Corpo e Sexualidade Lançados às Mulheres pela Intelectualidade Belenense

Em “A Semana”⁴, num conto intitulado “Envelhecer”, o cronista e poeta Paulo Maranhão escrevia sobre uma mulher madura que era apresentada pelos moldes de um “ser” quase anônimo na cena dos desejos sexuais e dos sentimentos românticos. Com a chegada das rugas, aquela “senhora” não mais possuiria determinadas qualidades tidas como essenciais para alavancar o “apetite” masculino, afinal, a qualidade juvenil, principalmente relacionada à aparência, se tornava essencial na construção do imaginário feita por Maranhão – as pernas, os seios, os cabelos foram vistos como partes corporais dignificantes, causadoras de êxtase. Em vista disso, o envelhecimento corporal feminino era tido como altamente grave, fenômeno exposto de maneira fremente nos dizeres do autor, como na seguinte sentença: “Ainda é rubro o teu lábio, ainda as trevas reinam em teus cabellos, porém o viço juvenil dos 15 anos não unge mais o arzinho da tua face. Ao matiz delicado da juventude, seccede o tom crestado dos 30 anos”.⁵

Nesse primeiro trecho, ficava evidente um julgamento recaído sobre as mulheres trintenárias: sua aparência, na percepção masculina, começava a perder os aspectos juvenis, relacionados à beleza e ao desejo. Em outro fragmento, Maranhão iria além: “Hoje, ninguém mais se volta para te vêr, porque ha milhares de raparigas, no vigor dos anos que desafiam os olhares dos homens... perdoame se te digo que me alegre porque envelheces... ninguém mais te cobiçará”.⁶

As interpretações de Paulo Maranhão também foram analisadas pelo historiador Ipojucan Dias Campos em sua discussão concernente ao problema do “solteirismo” na capital paraense em período análogo. Para Campos, a denúncia do “fator tempo” (feita por Maranhão) alertava para o processo de envelhecimento, pois as características físicas da maturidade feminina se configuravam como maneiras de mostrar o “terror” enfrentado pelas moças chegadas à terceira década de vida sem contratar matrimônio (CAMPOS, 2014). Corpo e sexualidade, esses marcadores pareciam vibrar a todo o momento nas ideias expostas; nelas, as mudanças corporais atribuíam determinadas periodizações para as vivências, dessa forma, os anos percorridos por um sujeito estavam inseridos num jogo de significações acirrado. Como resultado, às jovens, as expectativas de uma vida “animada” podiam ser constantes; já às velhas, tentativas de impedir aqueles “sentimentos calorosos” foram divulgadas através de diferentes meios.

Ocorria disputa, principalmente entre os sentidos de “juventude” e os de “velhice”: o envelhecimento automaticamente definido enquanto processo marcado por melancolia, por recato e pela “asexualidade” – mulheres maduras deveriam se manter alheias ao desejo sexual; chegado o “outono” da vida, os movimentos cessariam – tendo em vista essas expectativas, longe da excitação, da descoberta do corpo e dos sentimentos eufóricos, somente existentes na adolescência, restaria a tristeza. Ademais, a questão da aparência caía como um grande peso, dado o persistente fascínio da beleza juvenil, num tipo de concepção sobre a vida o qual impunha “prazos” para

⁴ A revista “A Semana” começou a circular na capital paraense em 1918, sendo distribuída semanalmente até o ano de 1942. Uma das revistas de maior tempo de circulação no Pará do século XX, tratava-se de um semanário impresso que discutia sobre política, esporte, eventos sociais, moda, lazer, literatura, dentre outros infindáveis temas tidos como muito pertinentes para alavancar a curiosidade do público leitor. O impresso teve como primeiro proprietário o comendador Alcides Santos, uma figura de destaque no *set belenense* da época. Contou com artigos escritos por grandes nomes da poesia e da literatura paraense como Paulo Maranhão, Oswaldo Orico, Gildo Rocha, Antonio Tavernad, dentre outros.

⁵ A Semana. Belém, 25 de janeiro de 1919, n.º. 44, p. 9.

⁶ A Semana. Belém, 25 de janeiro de 1919, n.º. 44, p. 9.

o desejo amoroso, e esses limites eram percebidos conforme ocorriam mudanças na estética corporal. Consequentemente, essas mudanças conferiam privações, em elaborações que possibilitaram entender a aparência enquanto um fator fundamental na construção dos modos de existir socialmente.

Firmava-se a concepção da sexualidade feminina entendida pelo esgotamento, presente em verbalizações marcadas por necessidade de beleza, de agilidade, de vibração. Ou seja, perder a “vivacidade do olhar” ou o “rubro dos cabelos” poderia significar a exclusão, a melancolia, o desgaste. Destarte, esses pensamentos não permaneciam isolados, faziam parte de exercícios de construção de significados coletivos.

Concentrada na sexualidade feminina, Michelle Perrot, ao questionar as concepções aristotélicas das diferenças sexuais, indica o seguinte contraste: “Ela é passiva e ele, ativo. O homem é criador, por seu sopro, o *pneuma*, e por sua semente. Na geração, a mulher não passa de um vaso do qual se pode esperar apenas que seja um bom receptáculo” (PERROT, 2007). Nesse arsenal, ao homem foi atribuída uma potência sexual engrandecedora, visto que, no contexto reprodutivo, era o responsável por dominar e tornar o corpo da mulher “útil” à comunidade – porque possuía a “semente” capaz de iniciar a gestação – consequentemente, as mulheres deveriam aprender a lidar com duras restrições de uma construção falocêntrica. Postas essas questões, apesar de a autora não discutir Belém do Pará, suas interpretações contribuíram para elucidar pontos importantes das expectativas lançadas às mulheres durante a construção histórica ocidental.

Dito isso, a ideia da limitação do desejo sexual das mulheres se prolongou desde a antiguidade: a libido deveria ser neutralizada através de diferentes estratégias. Nessa linha interpretativa, para parte dos articulistas em Belém do Pará nos anos 1920 e 1930, determinada “perda da sexualidade” estivera sumariamente transferida às mulheres ditas “velhas”⁷, pensadas distantes do “âmbito sensual” do cotidiano, em concordância com esses termos, quando as questões amorosas e os arranjos sexuais apareciam, os redatores usavam de qualquer pretexto para inserir o tema da idade avançada, geralmente em construções vexatórias sobre o feminino.

Em Belém, as festas na cidade e os locais de convívio público se concretizavam em espaços propícios para os comentários focados nas proporções do corpo, da animação e do desejo amoroso. Por esse motivo, a afirmação da amargura mediante os anos passados, quase sempre, contrastava com cenários de felicidades juvenis e a euforia proporcionada pelos sentimentos multiformes da adolescência, numa visão que buscava exemplificar e medir tipos possíveis de aflições vividas por mulheres maduras. Como no seguinte excerto extraído de texto sobre o carnaval em Belém. Nele, o articulista de pseudônimo “Pan Demonio” tecia aferições, no que tange às formas pelas quais aquelas “senhoras de cabelos brancos” enxergavam tais períodos festivos:

Leitora, se és jovem, esperas o carnaval, como esperarás por mezes ou anos, o noivo que te há de falar de sonhos lindos e pintar um mundo de illusões: se, porém, a neve da velhice derramou-se-te por sobre a cabeça, que sei eu?, bôa, terás um sorriso de indulgencia para com os que são novos: egoísta, condenarás os prazeres que libaste em tempos outros e que não podes ver outrem fruir sem que o acicate da inveja te fira o coração.⁸

⁷ Termo constantemente utilizado para descrever mulheres acima dos 30 anos de idade.

⁸ A Semana. Belém, 25 de janeiro de 1919, n.º. 44, p. 10.

Havia contraponto de expectativas, mulheres aos trinta anos, tidas como velhas, deviam cessar suas vivências afetivas e sexuais; em oposição às moças muito jovens e até mesmo às pré-adolescentes, constantemente inseridas em uma visão eufórica quanto a tais aspectos, de modo que os marcadores quinze e trinta anos pareciam ser recorrentes nessa elaboração dicotômica de representações coletivas. Sobre tais sistemas etários, a antropóloga Guita Grin Debert explicou que o processo de individualização, próprio da modernidade, se tornou um fator importante no sentido de institucionalizar o curso da vida em dimensões essenciais. Para a autora, uma forma de vida em que a idade cronológica passava despercebida, foi substituída por outra na qual a idade se torna fundamental na organização social após a Idade Média. Tais critérios etários, no mundo moderno, estabeleceram direcionamentos específicos para organizar o universo do trabalho, do consumo, da educação (DEBERT, 1999).

Como parte desse fenômeno, as mensagens analisadas em Belém formulavam, sobremaneira, uma “cronologização” dos próprios sentidos dados à sexualidade. Em exercícios de poder, firmava-se as idades do desejo, da felicidade e, indiretamente, da própria prática sexual; do lado oposto, apresentavam-se as idades do distanciamento, da melancolia e da assexualidade. Às mulheres tidas como maduras, para além dessa interdição sexual, não se lhes poderiam ser aconselhadas a entrada no universo amoroso e matrimonial. A partir dessa desvantagem, elas precisavam lidar com sentenças pouco gentis para com os seus comportamentos, seus sentimentos e seus desejos.

Ao redor do envelhecimento, as mensagens quase sempre vinham do ponto de vista pretendido hegemônico: os critérios etários foram construídos socialmente, e os intelectuais belenenses surgiam como elaboradores de pesados estigmas. Nesse preâmbulo, ter uma aparência enrugada e “desgastada” se tornava um grande problema, e mesmo determinados padrões da moda eram deslegitimados na maturidade, como os cortes de cabelo e a maquiagem, tais modelagens deveriam estar diretamente relacionados à jovialidade e à sedução. Esse tipo de encaminhamento vinha tanto do discurso masculino quanto do feminino. Em texto dedicado a discutir cortes de cabelos modernos, a articulista de nome “Lucimar”, em “A Semana”, parecia não aprovar o hábito de mulheres maduras encurtarem as madeixas, como explica: “É bem verdade que, a uma senhora casada, a moda actual não condiz bem. Uma mulher depois dos vinte e quatro annos, começando a perder aquella graça de rosa em botão, que possuía, deve deixar crescer os cabellos e prega los”.⁹

Esconder o corpo que envelhecia estava ligado à necessidade de limitação da sexualidade feminina, elas não poderiam se apresentar socialmente sensuais e desejáveis (condutas somente associadas ao corpo jovem). As vivências “prazerosas” deveriam ser consideravelmente curtas, as moças começavam a ter a vida sexual instigada por volta dos quinze anos, passavam a ser consideradas velhas perto dos trinta, ou até mesmo, como mencionava Lucimar, depois dos vinte e quatro. O cabelo branco e as rugas estariam muito longe de significar o charme, a beleza e a saúde (talvez esses fossem os requisitos essenciais para não ser vista como uma figura decadente), visão não muito distante das concepções correntes entre o século XIX e início do século XX que elencavam um conjunto de critérios avaliativos do fenótipo humano – do corpo e seus formatos e da aparência – para caracterizar as personalidades e, até mesmo, a propensão de um indivíduo ao crime e à perversão; sobre tais preâmbulos, o historiador francês Jean-Jacques Courtine indica que a chamada “frenologia” formulava um arsenal de indícios físicos, num testemunho inédito do

⁹ A Semana. Belém, 19 de julho de 1924, n.º. 326, p. 20.

corpo como nova visão da identidade: dispositivo que, estabelecido primeiramente para designar suspeitos, pode estender-se para designar a todos (COURTINE, 2009).

As mulheres maduras de Belém do Pará, de maneira parecida com as especificações da frenologia, estiveram enquadradas em diferentes critérios de avaliação física, em modelos de adaptação aos novos cenários da vida inaugurados pela dita “idade avançada”. De maneira concomitante, os marcadores corporais da maturidade geravam opiniões e consequências no próprio convívio social – em locais ditos oportunos, na moda dita adequada, no comportamento aconselhado para quem ultrapassava a terceira década de vida. Às vezes, tornava-se difícil mensurar quantos aspectos da vida foram explorados de maneira deliberada, mas era nítido que os dispositivos de observação estavam equipados com ideias bastante hostis, sequer o mínimo fio de cabelo branco passava despercebido aos olhos. Com esses filtros de análise, os escritores sancionavam penalidades, se apropriavam dos corpos femininos e elaboravam pontos de vista marcados pelo rechaço nada disfarçado.

Paulo Maranhão, no texto analisado anteriormente, expunha uma constante aflição mediante os cabelos brancos surgidos nas senhoras: “Occultam-se na sombra, á maneira de bandidos, e esperam, para se mostrar, a hora em que a mulher quer parecer mais bella – a hora em que ela desperta para o amor”, dizia o autor.¹⁰ Nesse sentido, presumia-se que o envelhecer distanciava a mulher da realização pessoal e da felicidade, sentimentos que só existiriam no momento de um enlace amoroso, culminando no matrimônio. O surgimento de cabelos brancos se transformava em um lugar de mudança nada sutil, trazia consigo um pessimismo incessante, logo, o ponto de vista masculino tentava a todo custo implantar a angústia feminina. “A hora em que ela desperta para o amor” dizia Maranhão, tais sentenças imediatamente poderiam gerar preocupações por estar velha e sozinha, deixar o tempo passar e não buscar a dita felicidade seria uma desatenção bastante perigosa.

Sem dúvida, era imprescindível que elas fossem jovens, a admiração da juventude foi legitimada em razão da primazia de uma sociedade moderna e urbanizada. Concentrada na compreensão de tais aspectos, a historiadora Júlia Hasselmann Calvet analisou as charges do cartunista J. Carlos, em suas representações femininas no Rio de Janeiro dos anos 1920. Nos desenhos, a valorização das chamadas donzelas (moças jovens e atraentes) surgiam enquanto necessidade do artista de demonstrar as novas perspectivas sociais da época. Pois as “feições de menina moça” estariam sempre relacionadas ao sentido de novos hábitos, novos comportamentos observados na cidade, qualificados como o ápice do que havia de mais moderno (CALVET, 2019). Nesse processo, o fascínio pela juventude parecia estar intrinsecamente ligado ao almejado como modelo de sociedade em progresso, e a qualidade juvenil era tangenciada como maneira de legitimar a ocupação de determinados espaços para alguns, em detrimento de outros.

Nesses espaços simbólicos e materiais, as mulheres “velhas” deveriam esconder seus corpos da visão alheia, em razão de não transmitirem mais graciosidade; também não sendo aconselhadas a casar-se, porque o período correto seria antes dos vinte e cinco anos (quando acendiam para o amor). Todas essas atribuições de sentido influíam na definição da maturidade feminina, ideia oposta ao novo e ao belo. Resultava que, a sensualidade, os sonhos eróticos, os toques lascivos, a prática do “flirt”, tudo isso deveria se transformar em passado distante, transmutando-se na lembrança do tempo vivido, da felicidade de outrora. Principalmente na mentalidade masculina, a libido feminina na maturidade acionava determinada repulsa, pois uma mulher velha em contexto erótico seria desdobramento quase “anti-higiênico”. No fim de contas, a performance do macho devia estar

¹⁰ A Semana. Belém. 25 de janeiro de 1919, n°. 44, p. 9.

alicerçada na dominação, no defloramento de moças ingênuas, na capacidade de manipular a imaginação, o toque, o gosto e os sentimentos (uma mulher dita madura não instigaria esse desejo de controle masculino), nesse ambiente simbolicamente hostil, a idade das senhoras se tornava uma “vergonha”, uma sanção pejorativa, uma marca de desânimo.

O humor configurava importante recurso discursivo usado para apresentá-las, em mensagens construídas para mostrar temores íntimos, os quais gerariam risos nos leitores, principalmente ao abordar as aflições e os medos, pouco levados à sério. Cercavam-nas de todas as formas, excluídas de determinados lugares e inseridas em outros, como no espaço do ridículo, para gerar entretenimento aos demais. As narrativas cômicas a respeito de histéricas senhoras perante as suas questões íntimas, das rugas e da apreensão ao ser questionada a idade, se firmavam como alguns dos exemplos verificados, como escrevia o cronista de pseudônimo “Poty”: “Até os 15 annos as meninas dizem a idade levanamente, com ingenua alegria; dos 15 aos 20, ellas o dizem sem tristeza, porem tambem sem alegria: d’ahi aos 25, só o dizem contrariadíssimas”.¹¹

Segundo o autor, em tempo posterior aos trinta anos, ficava impossível “arrancar a idade de uma mulher”. Essa narrativa cômica, ao usar critérios etários como sinônimo de irritabilidade feminina, era marcada por determinada “cronologização da vida”. Afinal, indicava o quão curta deveria ser a duração de algumas vivências: em menos de dez anos – dos quinze aos vinte e cinco – as projeções da angústia se tornariam exacerbadamente fortes em relação ao tempo vivido, essas mulheres não poderiam conseguir visualizar suas vidas sem determinados critérios lançados pelo meio social circundante, numa ansiedade pretendida generalizada, sobretudo ao se ter em mente alguns segmentos importantes, tais como: o casamento, os filhos e o lar, instituições que, no mundo ocidental, foram vistas como sinônimo de felicidade.

Todavia, as contingências dificilmente se encaixavam em modelos pré-concebidos (os quais explicavam melhor a mentalidade de quem discursava em detrimento dos alvos do discurso). Os textos divulgados em revistas ilustradas foram pensados em meio a universos burgueses e intelectuais, quase sempre masculinos: os articulistas discorriam sobre suas ideologias, suas percepções do mundo, do vivenciado na cidade de Belém do Pará, em divagações indicadoras de interesses e ideias próprias do modo de reprodução dos costumes burgueses. Esse fator limitava a ocorrência de concepções mais diversas sobre algumas temáticas expostas, associava-se ao envelhecimento feminino diversos estereótipos: a prática sexual interdita, a beleza impossibilitada, o casamento desacreditado, conceitos lançados ao olhar dos demais, principalmente para um público letrado e restrito de leitores.

Mas, nas entrelinhas discursivas, ficava evidente que a supressão de práticas amorosas por mulheres, com o surgimento dos primeiros fios de cabelos brancos, estaria longe de ser algo verificado no dia a dia, inclusive o olhar de desejo voltado para elas – exposto como inexistente – viria a ser revelado em muitos discursos contrários ao visto anteriormente.

Não obstante, quando o poeta Paulo Maranhão falava dos fios de cabelos brancos, era dito que as madeixas cinzas significavam a aflição feminina; entretanto, o autor revelava, contraditoriamente, seu deleite mediante ao desvelar da “aparência da mulher madura”, de modo que fez menção elogiosa para com aquela figura vista, em um primeiro momento, enquanto decadente. Nas palavras do autor: “para mim, tu continuas a ter de fogo no olhar, de carmim o lábio, de neve a pelle, de nacar as unhas, de ouro a voz, de crystal o riso”,¹² então, a sensualidade feminina, com

¹¹ A Semana. Belém, 08 de novembro de 1919, n° 85, p. 2.

¹² A Semana. Belém, 25 de janeiro de 1919, n°. 44, p. 9.

a chegada do chamado “outono da vida”, parecia causar determinada ambiguidade de sensações, tanto nas próprias mulheres quanto nos homens que assistiam aquelas mudanças.

Em face ao envelhecimento, outros tipos de imagens existentes no período histórico em questão começavam a sinalizar algumas mudanças atribuídas aos temas da sexualidade em idade madura, mesmo diante de tais concepções limitantes em relação às práticas sexuais das senhoras “no outono da vida”. Em estudo referente à sociedade francesa, a historiadora Anne-Marie Sohn analisa diferentes formas pelas quais o corpo era colocado em debate sexualizado. Segundo a autora, em meio às significativas mudanças relacionadas à liberdade sexual no percurso do século XX, a ideia de envelhecer passou por determinadas transformações importantes, relacionadas ao alongamento da expectativa de vida e aos progressos na saúde através do desenvolvimento da ciência médica e da indústria da beleza que, de maneira eficiente, possibilitaram uma ampliação dos usos dos prazeres por parte das pessoas velhas; como após a Primeira Guerra, quando as mulheres maduras puderam se sentir sedutoras, contando que pintassem os cabelos (SOHN, 2009).

A ebulição de mensagens relacionadas aos cuidados corporais, destinadas ao público feminino, denunciavam profundas mudanças na relação das mulheres com a idade. Esses discursos pareciam evidenciar a “reversão das consequências da passagem do tempo” enquanto possibilidade de lucro, de constante visão para a compleição como “um produto a ser aprimorado”, “dissecado em todas as suas conexões” e “melhorado” segundo as tendências vigentes. Os anunciantes possuíam a “solução” para problemas imaginados como significativamente frequentes entre as mulheres ditas velhas, nesse percurso, geravam a esperança de permanecerem saudáveis, desejáveis e bonitas. Ao mesmo tempo, indicavam as desigualdades sociais, ou seja, somente aquelas que tivessem recurso financeiro teriam a oportunidade de estar na moda, de cuidar da pele e de resolver desconfortos da idade.

Esses constantes acionamentos da idade, por amplo conjunto de segmentos da organização social, constituíram forma de compreender os usos do corpo (com todas as suas possibilidades e aflições) sob a ótica de campos multifacetados e, por vezes, antagônicos, tendo em vista o choque dessas mudanças ensejadas pela ciência com opiniões mais conservadoras sobre a posição feminina. Mediante a dita modernidade, muitas configurações imaginativas relacionadas à imagem da mulher velha, lentamente, começariam a mudar para disposições menos centradas no engessamento da libido, desde que elas pudessem cuidar do corpo, comprando os produtos mais eficazes ou se submetendo às técnicas cirúrgicas complexas, divulgadas enquanto altamente eficientes. No panorama geral, determinados testemunhos do passado revelavam dados da realidade os quais poderiam ir de encontro às narrativas masculinas e burguesas sobre o comportamento sexual na maturidade.

2. Maturidade e Sexualidade: o contraponto feminino

Mas de modo contrário àquilo que os estigmas prescreviam, seria possível afirmar que os movimentos da sexualidade feminina na maturidade eram constantes; emergindo determinadas ressignificações do envelhecimento através dos comportamentos desviantes, em reorganizações das esferas do “permitido” e do “proibido”.¹³ De tal forma, as mulheres vislumbrariam construções “libertadoras” diante das rugas e dos fios de cabelos brancos; no entanto, diferente dos homens, os

¹³ Expressão utilizada para designar uma pessoa que passou da chamada “juventude” ou da “primavera da vida”, geralmente a partir dos 30 anos de idade.

quais possuíam vastos instrumentos de propagação das suas ideias, os testemunhos femininos se encontravam de maneira prevalentemente indireta.

Como parte desses testemunhos indiretos, o avanço científico relacionado à medicina e ao campo farmacêutico evidenciavam a ocorrência de algumas configurações de sexualidade (na dita maturidade) ligeiramente opostas ao entendido como normal e higiênico. Nesse sentido, determinados escritos chegados ao presente indicavam como as mulheres maduras, em seus comportamentos cotidianos, contrastavam com as opiniões dos literatos e dos intelectuais burgueses da capital paraense no período em questão, principalmente quando questionavam a ideia da interdição sexual. Nesse particular, em textos publicados na revista “Pará-Médico”¹⁴, sobretudo relacionados aos estudos da gestação e das práticas cirúrgicas, surgiam indícios de intercursos sexuais femininos constantes a partir da terceira e da quarta década de vida. Destarte, ficava entendido que nenhum tipo de enquadramento seria tão potente ao ponto de limitar as demandas construídas pelos próprios sujeitos históricos no decorrer da vida, pois as personagens em cena conseguiram reelaborar suas narrativas, desviando das rotas propostas pelo discurso presumido “oficial”.

A respeito de tais fenômenos, no “Pará-Médico”, em estudo desenvolvido pelo dr. Orlando Lima, falava-se da evolução nos procedimentos de cesariana: denominada tecnicamente de “parto abdominal”, no artigo, o autor exaltava a simplicidade do processo operatório em gestantes (tido como pouco suscetível a erros) dada a segurança proporcionada pelas abordagens cirúrgicas modernas. O médico buscava discorrer sobre a sua experiência com gestantes na Maternidade de Belém no ano de 1920; segundo suas prescrições, somente em casos raros a cirurgia do parto abdominal não obteria sucesso; no texto, ele aconselhava a outros médicos a utilização da técnica no cotidiano cirúrgico. Em conformidade, quando as gestantes foram colocadas em cena no relatório escrito por Lima, uma informação se destacava: a recorrência de mulheres em idade acima dos trinta e dos quarenta anos em estado de prenhez, a exemplo do parto da senhora denominada “J.N”, descrita no texto do médico como “Primipara, 39 annos. Bacia moderadamente viciada. Entrou depois de cerca de 70 horas de trabalho. Tentativa improficua de extração do forceps. Cesareana abdominal. Operação praticada a 4 de outubro, Mãe e filho deixaram a clinica no dia 30”¹⁵.

A partir do século XX, a sexualidade entrou num contexto multiforme de análise, de estudos e de medicalização, elaborando diversos “scripts sexuais”: cenários e representações, fossem reais ou fantasiosas, da reprodução ou do controle da natalidade. Os “scripts” puseram em campo diferentes especialistas, acompanhados por conjunto de exames e tratamentos, em políticas de saúde pública que se efetuavam de maneiras diferentes para os homens e para as mulheres. De modo que a sexualidade feminina ainda fora exacerbadamente atrelada à concepção da vagina apenas enquanto possibilitadora da gestação, e as mulheres eram colocadas em um conjunto de prescrições médicas para o aleitamento correto, ou para o combate ao aborto. Naquele momento, havia grande preocupação com a questão reprodutiva, iniciando os primeiros tratamentos contra a infertilidade (SOHN, 2009). Referente a esta questão, se tornou importante salientar que os cuidados com a mulher no momento do parto configuravam aspectos de suma importância, como explica a historiadora Maria Izilda Santos de Matos – as altas taxas de mortalidade de mães e filhos e a necessidade

¹⁴ A revista Pará-Médico foi criada no ano de 1915 pelos membros da Sociedade Médico Cirúrgica do Pará – fundada 1 ano antes – e tinha como principais objetivos a divulgação de estudos científicos e das informações sobre instituições médicas ao público em geral. Faziam parte da sua Comissão de Redação os Drs. Porto de Oliveira, Oswaldo Barbosa, Jaime Aben-Athar, Veiga Cabral, J. de Magalhães, Arthur França e Penna de Carvalho.

¹⁵ Pará-Médico. Belém. Setembro de 1922, nº 10, p. 30.



de uma ação preventiva ampliaram a preocupação da medicina e levaram ao desenvolvimento da maternologia no Brasil da primeira metade do século XX. Essas abordagens eram impulsionadas por médicos, higienistas e reformadores sociais, resultando na chamada “profissionalização da maternidade”, também no aprimoramento das técnicas de parto e da própria assistência às grávidas, sumariamente exposto através da imprensa ilustrada (MATOS, 2003).

O importante a destacar desses fenômenos seria o fato que cada vez mais se tornava possível uma reelaboração dos padrões de natalidade, coisa que iria influenciar diretamente as ideias a respeito da própria sexualidade. Na cena belenense, a presença de mulheres grávidas em idades distantes do entendido como “normal” revelava que os “scripts sexuais”, tão bem formulados por amplo conjunto de teias científicas, médicas e conceituais, foram igualmente construídos pelas próprias mulheres frente aos cenários desafiadores de uma vida após os trinta anos. Pareciam assinalar a dilatação de um vigor sexual incessante, de maneira concomitante, não havia nenhuma garantia, dadas as prescrições sociais, de que aquelas senhoras fossem castas o suficiente para reger suas narrativas sexuais conforme o discurso oficial previamente estabelecia enquanto higiênico. Porque, como demonstrado nas entrelinhas de uma narrativa científica exposta no “Pará-Médico”, as técnicas modernas de parto tratariam de resolver quaisquer intempéries relacionadas à gestação, principalmente das mulheres em idade madura, elas poderiam aproveitar de tais avanços ao seu favor. Da mesma maneira, a presença de gestantes aos quarenta anos denunciava usos recorrentes da sexualidade, em formas de reconhecer a idade “avançada” como apenas um dado propício a ser significado de diferentes formas entre os sujeitos em meio a um universo de contingências naturais do percurso da vida pessoal.

A maternidade, naquele cenário, certamente viria acompanhada de inúmeras mudanças no ciclo de vida daquelas mulheres; parir aos 39 anos parecia muito mais complexo do que na dita “juventude” devido a quantidade de estigmas em voga (das imagens da saúde reprodutiva e sexual atribuídas apenas às moças muito jovens, as quais tinham corpos ideais para gerar filhos saudáveis, em detrimento das maduras), ou seja, a maternidade no “entardecer” da vida geraria algum tipo de desconforto social. No entanto, as mulheres ditas “velhas” pareciam reclamar para si a habilidade de elaborar regras para suas vidas, nas possibilidades de contatos amorosos e o direito de serem mães. Dentre os “partos abdominais” bem-sucedidos na maternidade em Belém, a maioria das gestantes estava no período trintenário e quadragenário, entretanto, elas passaram pelos processos cirúrgicos, em sua maioria, sem grandes complicações. Nesse conjunto, os avanços científicos, apesar de condicionarem potente supervisão aos corpos, poderiam se tornar aliados indiretos para a abertura de novas configurações sexuais e maternas diante do processo de envelhecimento, devido a capacidade de salvaguardar a vida, mediante os riscos naturalmente surgidos numa gestação em idade madura.

No período que compreende a segunda metade do século XIX, o mundo ocidental viu os médicos se tornarem os “intermediários obrigatórios da gestão dos corpos presos em uma rede de obrigações em concordância com os grandes acontecimentos da socialização: entrada na escola, serviço militar, viagens, escolha de uma profissão” (MOULIM, 2009). Ou seja, a medicina teve um papel fundamental na manutenção de “corpos saudáveis” para exercerem diversas obrigações sociais; identificado esse fenômeno, não seria imprudente dizer que os médicos se tornaram agentes de influência direta no comportamento sexual da população

(num conjunto de diferentes prescrições comportamentais) muito em função avanços científicos e farmacêuticos relacionados à natalidade e ao desempenho sexual.

Em Belém, mediante a ausência de maiores testemunhos, não seria possível indicar com mais precisão a influência dos fatores médicos no comportamento sexual de mulheres maduras; todavia, os discursos centrados nos avanços científicos (como observado no texto do dr. Orlando Lima) poderiam indicar sutil alargamento de perspectivas sociais a circunscrever a mulher frente ao seus trinta ou quarenta anos de idade, em circunstâncias da vida as quais fugiriam completamente do controle normativo. Muitas delas estavam gestantes e, muito provavelmente, se permitiam comportamentos libidinoso; a exemplo da senhora denominada “R. O.”, gestante apresentada por Orlando Lima como: “Grande Multipara, 42 anos, placenta previa central, oitavo mez de prenhez”.¹⁶

As vantagens e desvantagens de ser mãe em período avançado da vida pareciam estar cada vez mais no horizonte daquelas mulheres, nesse caminho, existia um acentuado desvio quando chegassem ao período quadragenário, imagina-se que era totalmente possível continuar a prática sexual em detrimento da interdição constantemente sancionada. Afinal, mulheres aos quarenta e dois anos praticavam sexo, davam à luz a diversos filhos (múltiparas) e reelaboravam suas narrativas de maneira singular, apesar de haver todo um tabu referente aos seus corpos e às suas idades. Elas poderiam usar dos avanços científicos ao seu favor, por causa das ditas técnicas desenvolvidas para assegurar as vidas das mães e as dos filhos, era dito que a gravidez não deveria mais preocupar tanto essas senhoras, elas chegariam aos hospitais e saíam com novas perspectivas de vida.

Uma perspectiva “alternativa” de maturidade feminina se configurava como exemplo de potencial “insurgência”. Essas “anomalias” determinavam o envelhecimento como parte de um campo de negociação – as suas características negativas foram manipuladas pelos sujeitos em diferentes contextos de comunicação direta ou indireta – e tudo ocorria de acordo com as vontades, os interesses e os privilégios envolvidos. Nesse percurso, eram fundamentados os requisitos como: a idade para a prática sexual, a idade para ser mãe e a idade para a vida pública, marcadores acionados no decorrer das circunstâncias para legitimar os comportamentos tidos como adequados ou como inadequados; mas, da mesma maneira, a própria existência de hábitos desviantes parecia assegurar uma forma de comunicação nessas “negociações”, como no caso das mulheres gestantes (pareciam afirmar que podiam decidir seus destinos diante ao processo natural do envelhecimento).

No mundo feminino, se verificava a prática sexual como aspecto nada distante de seus cotidianos, e, apesar de não se ter maiores informações sobre as gestantes – se casadas ou solteiras –, o documento indica a existência dessas pessoas em contextos nos quais a sexualidade, na entendida maturidade, estivera emoldurada por novo arsenal de sentimentos, responsabilidades e aflições; dos treze casos analisados, apenas três apresentavam mulheres de até vinte e sete anos de idade, a maioria estava na faixa etária superior a três décadas de vida; cinco entre as dez mulheres acima dos trinta anos eram primíparas (aquela que pariu pela primeira vez). Essas configurações demonstrava as mudanças possíveis no ciclo de vida daqueles sujeitos, colocando em discussão uma cadeia de significados da maturidade e do próprio envelhecimento em constante reordenamento na cidade de Belém do Pará.

¹⁶Pará-Médico. Belém. Setembro de 1922, n° 10, p. 30.

Figura 1 – “Povoar! Eis o problema”.

Mulher de trinta e seis anos pariu trigêmeos em Belém



Fonte: A Semana. Belém, 10 de junho de 1939, nº 1035, p. 23.

Diante das concepções da maternidade configurada quase como um dever primordial feminino, as notícias traziam mensagens de exaltações para os “casos peculiares” de gestação, sempre colocando a reprodução como uma das metas prioritárias atribuídas aos casais; nesse sentido, chegaram ao presente algumas mensagens de vanglorio das mães que, mesmo em idade madura ou depois de muitos partos, pareciam possuir a força necessária para gestarem novos bebês. No ano de 1939 o periódico “A Semana” noticiou uma gestação atípica na capital paraense: o nascimento de trigêmeos na Maternidade da Ordem Terceira. A parturiente era Elora Maux Passos Pereira, na idade de trinta e seis anos, esposa do senhor Manoel Passos Pereira. O jornalista que escreveu a notícia parecia estar comovido, tendo em vista uma suposta baixa fecundidade existente no Brasil: “positivamente, na marcha em que vamos, dentro de pouco tempo a mulher que tiver 1 filho causará admiração”.¹⁷ Ele parabenizava os pais pela chegada das crianças e, principalmente, a mãe pelo feito, diante da dita diminuição no número de gestações naquele período histórico.

A proximidade dos quarenta anos de idade (como estava Elora) significava posicionar-se frente a grandes estigmas; todavia, a gestação poderia sancionar imagens mais prestigiosas em torno daquelas mulheres, tendo em vista o forte olhar de vanglorio lançado à maternidade naquele contexto histórico. Dito de outra maneira, elas poderiam reequacionar suas trajetórias de vida com a chegada dos filhos, encontrar novos sentidos para aquele intervalo etário entendido, em um primeiro momento, pelo viés de determinadas privações e impotências; além de colocarem em pauta o discurso sobre a sexualidade feminina que, num universo cristão e heterossexual, estava estritamente relacionada ao âmbito da reprodutividade.

Existia teia de significados possíveis referentes às questões de sexualidade na idade madura. Em primeiro lugar, os testemunhos vindos dos discursos médicos ganhavam contornos diferentes em relação aos definidos pelos poetas, pelos jornalistas e pelos cronistas, para os quais a maturidade condensava a premissa de aspectos tais como: o esgotamento da sexualidade feminina em detrimento da masculina. Em segundo, no periódico “Pará-Médico”, as mulheres, não se sabe se burguesas ou pobres, apareciam em contextos de gestação após a trigésima década de vida, e algumas na quadragésima década parindo pela primeira vez, o que denotava um comportamento

¹⁷ A Semana. Belém, 10 de junho de 1939, nº 1035, p. 23.

sexual feminino ainda muito presente. Nessa conjuntura, o avanço científico poderia resolver os problemas da gravidez, numa elaboração de novos sentidos dados ao período gestacional, e os textos indicavam o parto nas mulheres de intervalo etário dito avançado.

As meninas pertencentes às classes populares em Belém, historicizadas por Cristina Donza Cancela, não aceitavam a prerrogativa de colocá-las em posições de vítimas mediante o processo crime de defloramento; pelo contrário, muitas daquelas garotas reivindicavam o direito de “seduzirem”: elas contavam sobre a espontânea vontade de praticar sexo, saindo da posição de importunadas e passivas, tomavam para si a responsabilidade pelo ato lascivo (CANCELA, 1997). Se por um lado as meninas muito jovens demonstraram a capacidade de articulação e reivindicação de seus direitos ao uso do corpo, por outro, seria demasiado ingênuo avaliar as mulheres maduras como vítimas “caladas” do conceito dominante, dado o contexto de grande efervescência de formas de contestação do *status quo*.

Insurreições parecidas foram percorridas por Ipojuca Dias Campos em trabalho historiográfico intitulado “Adelina e Carlita”, no qual analisou dois processos de divórcio contenciosos transcorridos entre os anos de 1897 e 1900. Neles, estavam em cena Adelina Rosa da Cruz Louzada e Carlita Gonçalves Viveiros, mulheres acusadas de adultério e amplamente submetidas a julgamentos morais elencados pela justiça paraense do período em questão. Na contramão do discurso oficial, elas conseguiram elaborar estratégias, não se sabe involuntárias ou premeditadas, para acelerar os processos de separação conjugal, em métodos que envolviam principalmente o silêncio, nos arredores da justiça, mediante acusações de deslealdade infligida ao parceiro. O historiador expõe uma concepção contrária aos mitos da figura feminina construídos no decorrer dos séculos (a ideia de passividade absoluta); pelo contrário, aquelas moças acionavam maneiras próprias de viver, em novos destinos a envolver infidelidade conjugal (CAMPOS, 2011). Mas, apesar das mulheres como Adelina e Carlita serem exemplos de desvios, os privilégios atribuídos aos homens na vida cotidiana eram mais amplamente divulgados. Para as mulheres, eram constantes os ataques morais, vindos de diversas direções, caso resolvessem deixar o lar para viver com outro homem ou para viver plenamente sua sexualidade a partir dos quarenta anos, mas elas não deixariam de explorar seus desejos, e os próprios discursos oficiais revelavam indiretamente esses arranjos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Simone de Beauvoir, ao fazer uma análise de alguns conceitos psicanalíticos, criticou o pensamento freudiano na sua falta de ênfase na sexualidade feminina. Para Freud, a libido apenas existiria enquanto energia sexual masculina. Já para Beauvoir, o desejo atuaria da mesma maneira para ambos os sexos: “todas as crianças atravessam uma fase oral que as fixa no seio materno, em seguida uma fase anal e atingem finalmente a fase genital: é então que se diferenciam” (BEAUVOIR, 1970). Não existiria, no desenvolvimento humano, um momento de completa perda do desejo sexual feminino, essa atribuição estaria muito relacionada a ideias socializadas, tidas como verdades absolutas.

Diante do assinalado, os textos veiculados por determinados núcleos intelectuais na cidade de Belém do Pará, nas décadas de 1920 e 1930, tentavam mostrar que a chegada da “idade avançada” significava a perda do desejo amoroso e sexual para as mulheres. Os escritores usavam de suas posições de destaque para sancionar diversos estigmas, os quais teriam efeito em múltiplos contextos da vida social, tais como aqueles relacionados aos divertimentos na cidade, onde as mulheres

maduras seriam vistas como tristes e indesejáveis. Esses deméritos também ocorriam nos padrões de vestimenta, pois presumia-se que, após os 30 anos, as mulheres deveriam esconder os corpos com o uso de roupas adequadas. Em consonância, as disputas de significados estavam muito centradas na visualização dos corpos, numa excessiva valorização das características juvenis. Essas expectativas atuavam como pontos de identificação para as mulheres, pois aquelas que fossem jovens seriam famigeradas, e as ditas “velhas” seriam supostamente rechaçadas, numa preocupação compartilhada diante das rugas e dos fios de cabelos brancos.

Todavia, essas elaborações não poderiam ser interpretadas como definidoras das práticas sociais observadas naquele contexto histórico, afinal, tratava-se das idealizações (em grande parte masculinas) do comportamento feminino na maturidade. Ao compreender esse aspecto, quando outros elementos discursivos vieram aos olhos do historiador, observou-se que as mulheres estavam tendo filhos a partir da terceira e da quarta décadas de vida, prática completamente oposta ao esperado por muitos escritores. Conseqüentemente, a presumida interdição sexual não era tão bem estabelecida no cotidiano feminino; então, elas poderiam criar seus próprios significados para uma vida após os 30 anos, como muitas o fizeram, ora quando pariram trigêmeos, ora quando tinham seus primeiros filhos na idade madura. Os indícios analisados demonstraram que a maturidade feminina seria entendida de maneira complexa e que não existia apenas uma possibilidade de vivência para as senhoras, porque tudo dependeria das escolhas feitas no universo individual, em grande parte, à revelia do aconselhado pelas ideias pretendidas hegemônicas.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo – Livro 1: Fatos e Mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- CALVET, Júlia Hasselmann. J. Carlos: imprensa e representações femininas na década de 1920. In: Anais do 2º encontro internacional, *História&Parcerias*, 6º Seminário Fluminense de pós-graduação em História, Rio de Janeiro, 2019.
- CAMPOS, Ipojucan Dias. *Adelina e Carlita: adultério, divórcio e poder judiciário em Belém no final dos oitocentos*. *Fronteiras* 13 (24): 2011, p. 207 - 236.
- CAMPOS, Ipojucan Dias. Solteirismo e tempo matrimonial, Belém (1916-1925). *Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, no 13, 2014.
- CANCELA, Cristina Donza. *Adoráveis e dissimuladas: as relações amorosas das mulheres das camadas populares na Belém do final do século XIX e início do XX*. Dissertação (mestrado), Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 1997.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Revista das revistas. Estudos avançados* 5 (11), abril, 1991, p. 183-191.

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 253-340.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

MATOS, Maria Izilda S de. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890 -1930). In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Raquel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003, p. 107–27.

MOULIM, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 15-82.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Traduzido por Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 109 - 154.

Fontes:

Setor de Obras Raras da Fundação Cultural do Estado do Pará (CENTUR)

A Semana. Belém, 25 de janeiro de 1919, nº. 44.

A Semana. Belém, 19 de julho de 1924, nº. 326.

A Semana. Belém, 08 de novembro de 1919, nº 85.

Pará-Médico. Belém. Setembro de 1922, nº 10.

A Semana. Belém, 10 de junho de 1939, nº 1035.

Lista de figuras:

Figura 1: A Semana. Belém, 10 de junho de 1939, nº 1035, p. 23.